

Bordas, fronteiras e margens: sobre ocupar o vazio

LAURA REDFERN NAVARRO

intransitiva
• revista

LUGARES QUE NOS HABITAM (V. 8, N.1, 2024)

Bordas, fronteiras e margens: sobre ocupar o vazio

Laura Redfern Navarro

Entro em uma sala e ela está completamente vazia.

Reconheço os tapetes, os sofás e as janelas, mas não sei de onde. Como vim parar aqui? Isso eu também não consigo responder. Na realidade, acho que ela sempre esteve ali, parada na minha frente. Devo ter me refugiado nessa sala quando era criança e brincava de esconde-esconde. Mas, como, se nunca entrei aqui? Isso eu realmente não sei responder.

Durante praticamente toda a história da humanidade, tentamos categorizar esses espaços que são e que ao mesmo tempo não são: as *fronteiras* entre países; as *margens* dos rios; as *bordas* de um objeto plano, como um prato; os estados *limítrofes* da personalidade; a *transição* entre o sonho e a vigília; o *umbral* entre a vida e a morte. Talvez jamais conseguiremos explicar, de fato, o que seria esse entre-lugar. Mas é importante ressaltar que ele não deixa de ser um lugar.

A partir dos anos 2010, *esse lugar* efetivamente passa a ganhar espaço, a aparecer, com mobília e tudo, mas esvaziado, sem qualquer compromisso com a verossimilhança de sua função real. Na internet, circulam imagens de salões sem festas, de piscinas sem água, de campos de grama infinita - nessas paisagens, somem também os objetos e as pessoas, que visam provocar aquilo que Sigmund Freud cunhou como “o infamiliar” - a sensação paradoxal de familiaridade e estranhamento. O nome dado a essas figuras não poderia ser mais apropriado - *liminal spaces*, ou, em português, espaços liminares.

A sala onde eu entrei é um espaço *liminar* - termo popularizado pelo antropólogo Victor Turner para definir um fenômeno em que um indivíduo, dentro de uma sociedade, vivencia um momento de transição (um rito de passagem, por exemplo). Nesse momento, precisamente, o indivíduo não é nem quem foi e nem quem será após a transição, ocupando, temporariamente, um limbo social.

Acho interessante como esse conceito, próprio da área do conhecimento que estuda o *homem*, passa a ser utilizado para falar de um *lugar*. O lugar liminar, portanto, é um lugar de passagem. Tendo em vista o contraste entre nostalgia e estranhamento, pode-se dizer que o espaço liminar remete, inevitavelmente, ao sujeito. Como se se tratasse de algo que vem de dentro de nós mesmos.

Entro em uma sala completamente vazia e tenho um *déjà-vú*.

Na matemática, o vazio é representado pelo conjunto vazio (ou pelo símbolo \emptyset), indicando um conjunto que carece de elementos. Sendo um conjunto, ele é *algo*, mas não possui *nada dentro dele*. Ou seja: ele também ocupa uma posição de *fronteira*, de *liminar*.

Quando falo de “algo sem algo”, rememoro uma experiência que por tanto tempo me acompanhou (e, por vezes, ainda acompanha): a dissociação. Trata-se de um estado onde o sujeito não se reconhece, sente-se fora do corpo e deslocado do mundo afora. Tudo parece estranho ou onírico: a percepção fica terrivelmente distorcida, principalmente em termos de *limites* - entre eu e o outro, eu e o espaço, a memória e o sonho, o mundo interno e o mundo externo.

Entro em uma sala completamente vazia ou uma sala completamente vazia entra dentro de mim.

A poeta argentina Alejandra Pizarnik descreve bem esse fenômeno em um trecho de “Caminhos do Espelho”, que compõe o terceiro bloco de poemas do livro *Extração da Pedra da Loucura*: “Eu me levantei do meu cadáver, eu fui em busca de quem sou. Peregrina de mim, fui ao encontro da que dorme em um país ao vento” (p. 79). Essa distinção do *eu* - como se vê na imagem de levantar-se do próprio cadáver - revela outra questão pertinente aos espaços liminares: a fragmentação.

Além do corpo esvaziado, o eu-lírico de Pizarnik também se mostra enquanto uma identidade fraturada, evidenciada pelos usos da primeira (“eu”) e terceira (“da que dorme”) pessoa. Essa fratura também pode ser interpretada enquanto “vida” e “morte”, tendo em vista a imagem do cadáver. Nesses sentidos, Pizarnik constrói uma subjetividade liminar, que está sempre na “borda” de suas facetas, sem integrá-las de fato: o que gera a angústia expressa no poema.

Ela também diz “ir ao encontro da que dorme em um país ao vento” e, para além do fenômeno psíquico, toca em um ponto que julgo particularmente interessante: o elemento ar. O filósofo francês Gaston Bachelard, em sua metapoética dos elementos, descreve a imaginação ligada a esse elemento a partir da instabilidade, da mobilidade das imagens, a verticalização da realidade, o fenômeno da evaporação, da fantasmagoria e da onipresença do vazio.

Entro em uma sala completamente vazia, mas algo pesa ali dentro.

Quando começo a dormir, com alguma frequência, sonho que estou caindo do Grand Canyon. Sempre acordo antes do tombo. Não quero saber como o corpo fica depois de um acidente como esse. Mas sinto o peso dos órgãos e músculos, e, de alguma forma, mesmo dormindo, eu sei que *estou perdendo o controle*. Minha alma se despede; ela contempla a paisagem única daquele lugar, o céu alaranjado do verão no Arizona, e me assiste cair, lânguida.

Acho que esse é o exemplo mais coerente de *liminal spaces* que tenho de memória, e que é muito precisamente narrado no poema de Pizarnik. A vertigem é um espaço de passagem. O significado desse tipo de sonho, li por aí, tem a ver com abandono, que também é um movimento de transição. Tomar uma decisão e deixar algo para trás. Neste caso, interpreto como um abandono do próprio corpo. Deste modo, passo a existir apenas como alma, como fantasma, como ar.



Mas, se esse ar - o vazio - já estava dentro do corpo, então ele existe, materialmente falando. E provavelmente sempre esteve ali. No nosso corpo, talvez na forma de plasma sanguíneo, que não é vermelho como o sangue, mas ainda assim é sangue. Posso até traçar paralelos com a “sombra” da psicologia analítica de Carl Gustav Jung, com a teoria do id, ego e superego de Sigmund Freud, ou com a ideia de “falso self” proposta por Donald Woods Winnicott, mas acho que é algo à parte e que, ao mesmo tempo, também constitui todas essas noções de algum modo.

Em suma, acredito que a definição mais aproximada do liminal é a de “paisagem”, já que ele pode ser experimentado tanto internamente quanto a partir das imagens, que representam lugares. Penso que “paisagem” pode remeter a algo material e imaterial ao mesmo tempo, que é concreto e abstrato - algo que é perceptível à visão, mas não ao toque. Nesse sentido, cito a cineasta belga Agnès Varda: “se abrissemos as pessoas, encontraríamos paisagens”.

Entro em uma sala que está completamente vazia, e sei que estou em casa.

Sobre o autor

Laura Redfern Navarro (2000) é poeta, jornalista, fotógrafa experimental e crítica literária. Graduada pela Faculdade Cásper Líbero (FCL) pesquisa corpo, linguagem e liminaridade. Foi vencedora do ProAC em 2022 com o projeto “O Corpo de Laura”, que consiste em um livro e uma plaquete.